

N É L I D A P I Ñ O N
1937 • 2022

ADEUS À 'GRANDE DAMA DA LITERATURA'

Primeira mulher a comandar a Academia Brasileira de Letras, escritora morreu aos 85 anos, em Lisboa, onde morava. Deixa legado de uma trajetória premiada internacionalmente

A literatura nacional se despediu de um dos seus principais nomes, Nélida Piñon. A escritora morreu na tarde de ontem, aos 85 anos, em um hospital em Lisboa, Portugal, onde morava. A causa da morte não foi divulgada. A confirmação veio por Rodrigo Lacenda, da Editora Record, que publicou livros da autora.

Considerada a "grande dama da literatura" do país, Nélida também se destacou pelo pioneirismo: foi a primeira mulher a comandar a Academia Brasileira de Letras (ABL) em 100 anos. Ela foi empossada em 1996, quando a entidade comemorava o seu centenário.

Nascida no Rio de Janeiro, em 1937, e formada em jornalismo, sua estreia na literatura ocorreu de modo turbulento, em 1961, com o romance "Guia-mapa de Gabriel Arcanjo". A época, a publicação não foi bem recebida pela crítica.

Nélida Piñon, no entanto, não desistiu da carreira literária. Em 1963, lançou a "Madeira feito cruz" e seguiu com os romances "Fundador" (1969), "A casa da paixão" (1972), "Tebas do meu coração" (1974), "A força do destino" (1977), "A república dos sonhos" (1984), "A doce canção de Caetana" (1987), "Cortejo do Divino outros contos escolhidos" (2001), "Vozes do deserto" (2004) e o mais recente, "Um dia chegarei a Sagres" (2020). Ao todo, foram 25 livros contando romances, contos, crônicas e ensaios.

"Nélida era uma mulher fantástica. Ela tinha uma paixão pela literatura. Uma paixão pela literatura bem-feita", lembra o também escritor Ignácio de Loyola Brandão, amigo pessoal da autora.

GERAÇÃO 70 Os dois integraram a chamada Geração 70, escritores que desenvolveram a carreira literária a partir da década de 1970. O grupo era grande e contava com Roberto Drummond (1923-2002), Oswaldo França Júnior (1936-1989), Wander Piroli (1931-2006) e Luiz Vilela.

"Nossa marca foi que saímos da comodidade. Os escritores antigos eram muito importantes e ficavam fechados em seus cubículos, em seus templos de saber. Nós fomos todos para as ruas, fomos para as bibliotecas, para os teatros, para as estações, para os auditórios, para as faculdades, universidades e escolas, onde honresse lugar para falar", conta Ignácio de Loyola.

A acessibilidade desses escritores em ascensão fez com que professores de colégios e universidades convidassem a turma da Geração 70 para palestras e mesas-redondas. "A gente falava de literatura? Falava, mas também falávamos de política", ressaltou o amigo.

Os escritores que vinham dos meios de comunicação tinham notícias censuradas, proibidas. Então, a gente levava essas notícias e lia para o público que, em geral, eram estudantes. A gente dizia: olhem o que o Brasil não soube", emenda o escritor.

Esse tipo de manifesto contra a ditadura encabezado pela Geração 70 rodou por várias cidades do Brasil. Recife, João Pessoa, Aracaju, Macacé e Teresina foram apenas algumas das cidades por onde passaram. Nélida Piñon nunca falou.

FRONTEIRAS ROMPIDAS A autora e ao lado de Jorge Amado e Paulo Coelho, o nome mais internacionalizado da literatura nacional. Além de ser parte do "boom" latino-americano, rom-

peu uma série de fronteiras – e abriu caminhos para escritores brasileiros.

Os convites para aulas e palestras no exterior nos anos 1970 eram um jeito de pagar as contas. Nos jantares, se sentava na cadeira mais distante dos principais nomes da época. A cada vez que o microfone caía na sua mão, via uma oportunidade de fazer sua voz ser notada – e ampliar seu espaço.

Nélida Piñon foi a primeira autora latino-americana a ganhar o prêmio Juan Rulfo, o Nobel da América Latina, e foi fundamental na propagação da literatura brasileira no exterior, apresentando nomes como Machado de Assis a autoras como Susan Sontag.

Em 2005, pelo conjunto da obra, recebeu o importante Prêmio de Asturias. Foi doutora honoris causa das universidades Poitiers, Santiago de Compostela, Rutgers, Florida Atlantic, Montreal e UNAM. Em 2012, foi nomeada embaixadora ibero-americana da cultura.

DESAFIOS Nos últimos anos de vida, porém, Nélida enfrentava algumas dificuldades. Conforme contou ao Correio Braziliense/Estado de Minas em 2021, quando escrevia "Um dia chegarei a Sagres", seu último livro, enfrentou enormes desafios físicos.

"Antes de chegar a Lisboa (cidade que escolheu para escrever o romance), passei por Madrid, onde faria uma conferência, e quebrei o braço. Não desisti, mas percebi que um problema que limitava minha visão estava se agravando", disse a escritora.

A solução encontrada foi um tanto quanto rudimentar. "Ainda em Lisboa, comeci a escrever a mão, quase que solteiramente, todos os dias. Minha ajudante, Karla, que entende bem a minha letra, transcrevia cada capítulo para o computador.

A morte não amedrontava a dama da literatura. No início da pandemia, em 2020, quando pouco se conhecia a respeito do novo vírus, Nélida afirmou: "Desde 12 de março, não vou nem ao elevador do meu prédio, mas não tive nem um momento de mau humor ou depressão. Meu receio não é de morrer, mas de ficar intubada – não quero ficar escrava da vontade alheia".

Ela tinha verdadeira paixão pelos animais, cães em particular – a morte de Graetinho, em 2017, depois de 11 anos de convivência, doeu fundo. "Ele era tão amoroso que acredito ter morrido para também me liberar para escrever romance em Portugal", comentou, referindo-se ao processo de escrita de "Um dia chegarei a Sagres".

Em dezembro de 2015, Nélida Piñon foi informada de que padecia de um câncer avançado e teria menos de seis meses de vida. Ainda que assombrada, manteve uma calma relativa, que lhe permitiu organizar a própria morte: desde recomendações sobre as músicas que deveriam ser tocadas em seu velório até a firme decisão de não ser enterrada trajando o fardão da ABL.

Entretanto, um exame mais apurado realizado meses depois não apresentou sequer um vestígio do tumor. Mesmo diante do falso veredito, Nélida continuou escrevendo um diário, que resultou em "Uma furtiva lágrima", lançado em 2019.

"Essa mulher era, de fato, impávida, batalladora e uma estilista da literatura. É uma pena que tenha ido", conclui Ignácio de Loyola Brandão.

PERSONALIDADES LAMENTAM A MORTE DA ESCRITORA

A morte da escritora Nélida Piñon ganhou repercussão na internet. Algumas personalidades lamentaram, como a futura ministra da Cultura do governo Lula, Margareth Menezes. "Profundamente sentida com a partida de Nélida Piñon, primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras. O país perde uma de suas maiores escritoras. Tenho certeza que seu legado seguirá conosco, vivo em suas obras. Meu abraço aos amigos e familiares", escreveu a cantora e atriz.

O sociólogo Sérgio Abranches, amigo de Nélida Piñon, disse estar arrasado com a morte da escritora. "Era de uma doçura e gentileza inexpressíveis. Uma escritora forte. Uma mulher autodeterminada. Uma perda para o Brasil e para a literatura. Uma perda pessoal. Falamos pouco antes de ela partir para Espanha e Portugal", escreveu.

"Sem dúvida, uma perda irreparável para o nosso país, classificou a deputada federal Luiza Erundina (Pso). Já a atriz Lucélia Santos disse que Nélida Piñon "realmente se tornou uma imortal através de sua vasta e magnífica obra, premiada no Brasil e no mundo".



Nascida no Rio de Janeiro, Nélida Piñon foi um dos grandes nomes da literatura brasileira

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Especial **Página:** 11